



Na linha de montagem, veículos militares modernos refletem o avanço tecnológico

ARMAS

As mudanças da Engesa

A empresa sofisticou seus carros de combate e adota uma gestão mais flexível

Em julho próximo, enquanto o Osório, o primeiro tanque de guerra brasileiro sobre esteiras, estiver avançando nas areias dos desertos do Oriente Médio para, em combates simulados, cumprir sua primeira exibição a representantes de vários países da região, importantes mudanças administrativas estarão sendo processadas nas catorze empresas que formam a Engesa - Engenheiros Especializados de São Paulo.

O lançamento do Osório — no qual foram investidos 53 milhões de dólares para fabricar os seis primeiros protótipos — é mais um exemplo da contínua evolução da política de pesquisa e desenvolvimento da empresa. Política que já gerou outros notáveis saltos tecnológicos, como a suspensão hidropneumática que agora passa a equipar o carro leve de combate Sucuri e uma variada gama de produtos de uso militar e civil (ver o quadro). Foi justamente essa evolução que, segundo o presidente da empresa, José Luiz Whitaker Ribeiro, acabou determinando a necessidade de “significativas mudanças administrativas”.

DESCENTRALIZAÇÃO — As modificações que estão sendo programadas — em alguns casos, já implantadas — decorrem da visão que o próprio Whitaker Ribeiro tem da Engesa, ou seja, a de “uma empresa personalizada”.

“Isso não deve ser confundido com empresa familiar”, adverte ele, para lo-

go em seguida esclarecer: “Sempre desenvolvemos nossas atividades com o apoio fundamental de especialistas (ou ‘personalidades’) das mais diferentes áreas, como pesquisa e desenvolvimento, finanças, marketing etc.”

Agora, segundo ele, chegou a hora de agilizar a administração do grupo de empresas (a Engesa, com capital aberto de 30,6 bilhões de cruzeiros, funciona como uma holding do grupo de catorze empresas), adotando uma “relativa descentralização”. Decisões administrativas de certas áreas, por exemplo, passarão a ser de inteira competência e responsabilidade dos diretores de cada empresa.

As vantagens da nova suspensão

A suspensão hidropneumática projetada e fabricada por técnicos da Engesa para o novo modelo do carro de combate Sucuri é um salto tecnológico na vida da empresa e um importante trunfo para a ampliação de seus negócios no concorrido mercado internacional de armamentos.

De fato, a nova suspensão, ao contrário das tradicionais, de molas, é capaz de suportar o impacto do recuo provocado pelo disparo de um canhão de 105 milímetros de potência total, sem comprometer o sistema mecânico dos carros leves. Para dar uma idéia desse avanço tecnológico, José Luiz Whitaker Ribeiro, presidente da empresa, lembra que norte-americanos e europeus continuam

“Se a FNV-Veículos (recentemente incorporada), por exemplo, decidir exportar rodas, poderá fazê-lo”, observa Whitaker Ribeiro, “mas desde que isso não comprometa as necessidades de demanda dos carros de combate da Engesa.”

Essa descentralização relativa — que encontrará seu contraponto na concentração das decisões de nível mais amplo — trará ainda outra novidade: os diretores das empresas, além da maior autonomia, passarão também a ter participação nos lucros. Entre as áreas que continuarão sob controle centralizado, Whitaker Ribeiro cita recursos humanos, marketing, suprimento de componentes e matérias-primas, finanças e processamento de dados.

NOVO PRÉDIO — O presidente da Engesa faz questão de enfatizar que esse processo de “despersonalização” da empresa não trará nenhum dano à política de valorização humana. “Ao contrário”, afirma ele, “vamos incentivar ao máximo o espírito de iniciativa de todos. Mas, é claro”, prossegue, “que se torna indispensável escolher gente que queira fazer de forma eficiente tudo o que incorporou como experiência.”

Para coroar todo o processo de mudanças, a Engesa está construindo um novo prédio que vai abrigar, até julho, todo o setor de administração. É um prédio de dois andares, com 20 mil metros quadrados de área construída, no bairro industrial de Alphaville, nas imediações da capital paulista, e onde a empresa está investindo o equivalente a 4 milhões de dólares.

comprando, para seus carros sobre rodas, canhões de 90 e não de 105 mm.

VISÃO NA POEIRA — A versão atualizada do Sucuri, do mesmo modo que o tanque Osório, será equipada com uma câmara térmica que permite ao artilheiro visão perfeita de tiro, mesmo na neblina ou na poeira do deserto.

O desenvolvimento tecnológico da Engesa, porém, não se limita ao aperfeiçoamento de carros militares. A empresa já tem em testes um novo trator agrícola, movido a álcool e concebido para servir a usinas. E mais: projetou e fabricou um sistema de bombeamento de petróleo que, após vencer concorrência com firmas internacionais especializadas (inclusive japonesas), está sendo exportado para a União Soviética e para um país da América Latina cujo nome a empresa não revela.